

Idálio de Oliveira

Entrevistado por Maria Augusta Silva

MARÇO 1995

Pioneiro notável na história da medicina portuguesa. Pioneiro, sobretudo, na instalação de tecnologias de diagnóstico e tratamento de cancro. Montou a primeira Bomba de Cobalto, o primeiro Acelerador Linear, o primeiro aparelho de TAC e o primeiro aparelho de Ressonância Magnética da Península Ibérica. Foi igualmente pioneiro na técnica de Angiografia Digital em Portugal. De paixão em paixão, Idálio de Oliveira deu primazia aos doentes e ao estudo. Pelo meio conheceu as sombras da morte. Venceu uma febre tifoide. Superou uma tuberculose. Ficou todo partido num acidente. Controlou um cancro do rim. Esta entrevista foi realizada quando Idálio de Oliveira já contava 83 anos, sessenta dos quais «casado» com os doentes.

Infância atribulada. Uma febre tifoide e tremendas crises de bronquite e anginas. Contudo, os verdejantes ares de Poutena, em Anadia, moldaram-lhe um sorriso encorajador, espécie de anticorpo contra as muitas vicissitudes. Ao fim de seis décadas de paixão pelas ciências médicas, em particular por oncologia, foi distinguido com a medalha de mérito da Ordem dos Médicos, na sessão inaugural do VIII Congresso Nacional de Medicina (igualmente agraciados nessa ocasião Corino Andrade – outro pioneiro –, Décio Ferreira, Juvenal Esteves, Joaquim Bastos e, a título póstumo, Miguel Torga). Em 1983, a ação clínica de Idálio de Oliveira já havia sido premiada com a Ordem de Sant'Iago da Espada.

Num momento em que por todo o mundo voltam a terçar-se armas contra o cancro – um flagelo que mata oito milhões de pessoas por ano, apesar das curas em mais de cinquenta por cento de casos –, é justo sublinharmos o perfil de alguém que dedicou uma vida inteira aos doentes oncológicos. De alguém que desafiou a insuficiência de recursos para comprar o primeiro Acelerador Linear instalado na Península Ibérica, em 1965. A modernização de meios lidera as preocupações de um homem que tratou gratuitamente milhares de doentes. Os custos de exames diferenciados continuam a amargar-lhe a alma. «Em termos económicos, poderá dizer-se que sou um rico-pobre. Ganhei muito dinheiro. Não gosto de me chorar; também não sou um perdulário, mas tenho vivido muitos sobressaltos para satisfazer encargos de largas centenas de milhares de contos em equipamento. E ainda preciso de trabalhar. Investi tudo na clínica.»

Um facto de espantar: Idálio de Oliveira esteve ao serviço dos Hospitais Civis mais de quarenta anos. Chegou a desempenhar o cargo de diretor de radiologia. Nunca obteve a reforma que lhe deveria caber. Sacode os ombros, em jeito de quem sente a injustiça sem atirar pedras a ninguém. «Se calhar, a culpa foi minha, porque não dei atenção a esse processo. Disseram-me que não tinha direito, e pronto. Nunca entendi a razão.»

Sorriso franco e bonito, as mãos quase envergonhadas a esconderem-se-lhe no regaço, Idálio de Oliveira gosta mais de falar do seu casamento com a medicina e de lembrar mestres como Francisco Gentil, «esse monstro sagrado da oncologia, fundador do IPO». Ali começou a dedicar-se à doença oncológica.

Ia, entretanto, a Santa Marta ouvir as lições de Bernard Guedes. Depois, foi «o traquejo dos Hospitais Civis, especialmente nos Capuchos». Hospitais Civis que deseja se não percam como «referencial extraordinário» e aos quais gostaria de «ver restituída uma dinâmica conducente a um desenvolvimento cada vez maior». Sublinha nomes como os de Corte-Real, Paiva Raposo e Cutileiro. «Ensinaram-me muito.» Destaca Reinaldo dos Santos, Lopo de Carvalho, o pioneirismo de Egas Moniz e de «tantos homens das ciências deste país.»

Palavra de fé

Pede, quase a medo, mais um café. As palavras alargam um diálogo simples. Recorda namoros. «Nem sei como namorei sendo tão tímido! Mas namorei um pouco, isso é verdade. Certa ocasião, não fui muito correto com Francisco Gentil, que me convidara para uma cerimónia no IPO. Preferi ir namorar, e não lhe apareci. Uma falta de que me penitencio.»

Casamento? Não chegou a realizar-se. De paixão em paixão, primazia aos livros e à medicina. E com um olhar retrospectivo confia-nos: «A família faz muita falta. Não ter casado foi um dos meus grandes erros. A minha vida seria outra. Porventura, enveredaria pela carreira docente, embora sem deslumbramento pela posição de professor.»

Metaforicamente, poder-se-á dizer que Idálio de Oliveira casou-se com os doentes. «Nada de sacerdócio. Talvez uma raiva íntima que metabolizei contra o cancro ao lidar de perto com os dramas. Procurei transmitir a minha fé.»

Religiosidade? «Se tenho ou não um fundo religioso não sei. A fé transcende-me e não consigo defini-la. É uma força interior que me leva a dar uma palavra de esperança ao doente, mesmo perante situações perdidas.» Mentira piedosa? «Nunca transmito ao doente uma mentira piedosa. Olho-o em toda a sua grandeza, sentindo-lhe o desespero e a ansiedade. Uma palavra humanizante de esperança pode aliviá-lo. Sem mentir. Devemos cuidar da dor física, sem encarniçamentos, mas pensando ao mesmo tempo no complexo psicofísico que é a doença e na sensibilidade individual do paciente. Regra geral, o doente acaba por entender o risco e o médico tem de ser solidário e dar-lhe amparo.»

Lembranças de seis décadas a tratar doentes? «Tantas! Sobretudo dos que

vieram ter-me às mãos com um prognóstico de apenas meio ano de vida e, felizmente, curaram-se. Há dias, procurou-me uma doente que tratei há 25 anos. Veio fazer mais uns exames. Ficou emocionadíssima. Só perguntava: *É mesmo o senhor doutor?* Sou, minha senhora, olhe para mim, certifique-se, disse-lhe eu. Despedimo-nos com um: até daqui a mais 25.» E nas memórias de Idálio de Oliveira está, também, «o Manuelzito, uma criança com pouco mais de dois anos, uns olhos muito expressivos. Um tumor cerebral maligno roubou-lhe o futuro. E nunca me esqueci do Manel».

Quem transmitiu a Idálio de Oliveira o gene do humanismo? «Será genético, de certa maneira, mas o humanismo é apanágio da maior parte dos médicos. O juramento de Hipócrates não pode ser coisa vã.»

«Ninguém tem mais humanidade do que o doutor», diz-me Maria Antónia. Trabalha há quarenta anos com este radioterapeuta que não gosta de usar luvas na sala de radiações. «Aconselho todos, porém, a observarem as medidas preventivas».

A quem saiu um admirador da poesia de Torga e de Pessoa? De quem herdou um código de valores este senhor a quem *Os Lusíadas* calaram fundo? «O meu pai influenciou muito a minha formação. Era um médico rural espantoso, a vencer as distâncias, de sol a sol, com uma bicicleta, por caminhos que mais pareciam precipícios. Ensinou-me a ética. A capacidade de trabalho. Herdei-lhe, também, um modo altruísta, a timidez e o pudor. Tínhamos imensa ternura um pelo outro.» E da mãe, «uma mulher progressista, que não tolerava, no entanto, palavras desabridas, ficou-me uma postura contida».

© MARIA AUGUSTA SILVA

TAMBÉM NESTE SÍTIO:

IDÁLIO DE OLIVEIRA

A VIDA POR UMA PAIXÃO: A CIÊNCIA MÉDICA

http://www.casaldasletras.com/maria_Registos.html